

Helder Moura Pereira

GOLPE DE TEATRO

ASSÍRIO & ALVIM

Vejo daqui a ponte que atravessa
o rio da expressão verdadeira
e comum do amor. No leito desse
rio amor e desejo coincidem.
O problema são as margens, há
a margem da insinuação, um
extremo, uma sugestão que conta
com a perspicácia alheia, coisa
que pode dar muito mau resultado.
E há, do outro lado, a margem
da súplica, que é quando falta
um só passo para a dor se tornar
crónica e o desânimo ficar
definitivo. De ambas as margens
se vê, nítido, o rio da certeza.

Houve um milagre na terra desguarnecida,
com o teu dedo, que se parecia tanto,
mas tanto, com o de uma criança, a apontar
pequenas folhas verdes. O que queria dizer
que era possível encontrar água.
As nossas bocas andavam secas, davam
beijos secos ou só ao de leve, não
tínhamos nada para dizer ao telefone.
Então a esperança das folhas verdes
fez uma coisa que nenhuma linguagem
tinha feito, manteve-nos à distância
com silêncios firmes em que bastava
apontar com um dedo para a insignificância
da vida de repente vir ao de cima.

A perda do amor é sempre dano,
sente-se que alguma coisa foi
pelo cano abaixo, mas o amor tem
a coisa de poder voltar. Às vezes
não volta ou então é apenas
fingimento, não passa de uma
cadeira onde nos podemos sentar.

Esticámos e esticámos e esticámos
a corda até a corda ficar muito tesa.
Foi ficando assim tesa muito tempo,
quando o mais provável era ter-se
partido. Há sempre excepções à regra,
mas esta não interessa a ninguém.
Camufla a ordem dos dias e é
uma ratoeira para a passagem
do tempo. Querem ver que um
belo dia eu morro e a estúpida
da corda ainda vai continuar tesa?

Torcido o nó da árvore, lâmina
de palavras de casca dura.
A faca e um sonho alucinado
no qual escrevo dois nomes.
Dois coraçõezinhos com uma seta
também tinha graça, mas falta-me
o jeito para o desenho e a força
para rasgar a árvore. De modo
que ficamos assim, dependurados
num fio frouxo que nos faz
festas no pescoço e nos desgasta.